

Música

para ouvir lá fora

Se vencer em Nova York não é tarefa fácil, imagine a proeza de alguém que consegue vencer no jazz em Nova York. Ainda mais quando não se está sustentado pelo movimento da bossa nova ou pelo samba. Pois um brasileiro foi, viu e venceu. Trata-se do saxofonista Ivo Perelman, 38 anos, com 21 discos gravados, que consolida hoje sua identidade nesse fino mercado de poucas estrelas, e de público fiel e extremamente reduzido.

Paulistano, radicado há praticamente 20 anos, nos Estados Unidos, Perelman, aos 19 anos, era mais um dos "jovenzinhos" que rumava para a Berklee School of Music, uma das mais conceituadas escolas do mundo. "No início foi difícil me estabelecer no gênero como nome e identidade. O jazz apresenta várias ramificações e eu, particularmente, desenvolvo um estilo de vanguarda, o free jazz, que se trata de uma variação muito seleta e pessoal", descreve.

Estabilizado e satisfeito por ter chegado num resultado estético, que engloba todas suas experiências de vida, o músico revela que seu sucesso se deve basicamente às suas originalidade e criatividade. Presença constante no cenário internacional, é considerado pelos maiores críticos musicais um dos expoentes do free jazz – um estilo improvisacional que teve como um dos principais representantes o também saxofonista Albert Ayler. "No universo musical, você pode ser criativo e não ser original. Mas, isso é um problema. Reproduzir o que já foi feito não é o intuito da arte", destaca.

Perelman, antes de optar pelo sax tenor "incursionou" pelo violão, piano, violino, violoncelo, trombone e clarinete. Lembra que ainda na adolescência "vasculhava" São Paulo atrás de gravações de saxofonistas importantes, desde John Coltrane até o brasileiro Victor de Assis Brasil, absorvendo dessa forma a cultura

*Quatro músicos,
quatro destinos e
uma só direção:
o sucesso no
Exterior. Assim
pode ser definida
as carreiras de Ivo
Perelman, Nelson
Nirenberg, Max
Barros e Fábio
Zanon*

Texto: Margarete Azevedo

e a linguagem musical do jazz. Eu estudei muito, toquei com vários músicos renomados, chegando à conclusão de que o mais importante na linguagem jazzística é o espírito humano. O free jazz é a música mais criativa do mundo. Improvisar não é apenas combinar notas aleatórias. É, sim, o retrato profundo do músico dentro da sua originalidade. Eu nasci com isso tudo e tenho que pôr para fora”, finaliza.

CARREIRA SOLIDA

Na mesma cidade, num segmento completamente oposto ao jazz, outros dois brasileiros, um carioca e um paulistano, vão trilhando, também, suas carreiras internacionais. Nelson Nirenberg, nascido no Rio de Janeiro há 40 anos, reside há 30 no Exterior e acumula diferentes ocupações na Montclair State University (Universidade Estadual de Nova Jersey), entre as quais, a de diretor do programa de estudos orquestrais, diretor musical e maestro titular das orquestras sinfônica e de câmara da instituição.

Ainda na infância, Nirenberg iniciou seus estudos musicais com o pai, Jaques, e deu prosseguimento com o tio, Henrique. Menino precoce, seu debut como solista ao violino deu-se aos 10 anos. Aos 18, esteve no comando da Orquestra Sinfônica Brasileira, e também da World Youth Symphony Orchestra, durante o Festival Interlochen, nos Estados Unidos.

Ele se considera feliz por ter desenvolvido uma carreira sólida no Exterior e diz que seu sucesso profissional deve-se a uma somatória de esforços. “A arte para realizar não é fácil. Ela nos envolve de uma maneira tão bela e misteriosa que raramente nos deixa escapar de sua busca. E, dificuldades existem para todos e em qualquer lugar. É preciso muita perseverança, muito trabalho e talento quando se está no Exterior. Há milhares de indivíduos



Max Barros (NY):

“recompensa espiritual dessa profissão”;

Nirenberg (NY):

“perseverança, trabalho e talento”;

Zanon (Londres):

“escolhido pela música”

os qualificados, de diversas partes do mundo, batalhando por uma vaga. Para se ter uma idéia, quando é disponibilizada uma vaga para regente, chegam a se inscrever cerca de 500 pessoas”, diz.

Já o paulista Max Barros 36 anos, há 15 em Nova York, lembra que passou por uma série de dificuldades no início de sua carreira: a começar pela financeira, até a definição de estilo e repertório. “Foi preciso abdicar de várias coisas pela música. Hoje, quando sento ao piano e toco minhas obras favoritas parece fazer sentido”, conta. Foi na

adolescência, com 15 anos de idade, que decidiu ser músico profissional. Mesmo ciente de que se tratava de uma carreira difícil, o jovem não conseguia se imaginar fazendo outra coisa. Revela que a recompensa espiritual dessa profissão justifica todas as dificuldades.

Além de atuar como professor e pianista-solista e de câmara, Barros também dedica-se à produção de discos e edição de partituras. Há um ano e meio, juntamente com o musicólogo brasileiro, James Melo, abriu na “Big Apple” uma editora, a Pontcio Publishing, Inc. A em-